

Ryoki Inoue

Biografia do Autor

Resenhas e Críticas

Entrevista para o Centenário da Imigração Japonesa

Reportagem recente para o Portugal Diário

Reportagem para a Revista Playboy

CURRÍCULO

Formado médico pela USP, especialista em Cirurgia do Tórax, Ryoki deixou a medicina em 1986 para se tornar escritor.

Em pouco tempo, dominava 95% dos pocket books publicados no Brasil: escreveu 999 novelas em seis anos, entre histórias de faroeste, guerra, policiais, espionagem, amor e ficção científica.

Quando, em 1992, sugeriu aos seus editores uma melhora na apresentação gráfica dos livros de bolso brasileiros, espantou-se com o pouco caso que eles todos manifestaram quanto ao seu projeto. Não interessava a nenhum editor melhorar a qualidade gráfica e literária dos livros que produziam e muito menos de competir em nível internacional.

Abandonou, então os pockets para se dedicar a livros maiores, mais elaborados e com maior qualidade gráfica.

Só que Ryoki se deparou com um outro problema: nenhuma editora brasileira tinha fôlego para publicar e distribuir sua fenomenal produção: uma média de seis novos títulos por mês. Ninguém é de ferro e, por fim, Ryoki cansou-se desse ritmo alucinante. Ele, então, decidiu reformular seus objetivos e durante esse intervalo de tempo, Ryoki não deixou de escrever: produziu vários romances, trabalhou como ghost writer para pessoas famosas e para empresas, escreveu roteiros e, com o objetivo de aperfeiçoar seus conhecimentos no campo da espionagem — obviamente para melhor criar seus romances — dedicou-se durante três anos à pesquisa e ao estudo da Inteligência Competitiva e fez inúmeras traduções de livros, artigos e teses para empresas desse ramo. Atualmente, o objetivo de Ryoki é produzir um romance por ano, no máximo dois.

Devido à sua intensa e extensa produção literária, desde 1993, Ryoki Inoue figura no International Guinness Book of Records, como o homem que mais escreveu e publicou livros em todo o planeta.

Tudo começou há 55 anos, exatamente no dia 22 de julho de 1946, em São Paulo, quando Ryoki nasceu de mãe portuguesa e pai japonês. Formou-se em medicina em 1970 e largou-a em 1986 para tornar-se escritor, editando seus pocket-books, sob nada mais, nada menos, que 39 pseudônimos, por exigência de seus editores. Sua grande especialidade na época foi o estilo policial, onde as tramas apresentavam muita ação, espionagem e traições. Porém, jamais deixou de escrever sobre um tema que sempre o apaixonou: o faroeste. Suas novelas de banguêbanguê são verdadeiros filmes que prendem o leitor da primeira página à última, de tal forma que algumas montadoras de automóveis proibiam seus empregados de entrarem na fábrica com esses livros pois eram capazes de abandonar a linha de produção enquanto não terminassem completamente a leitura.

Foi também editor e redator dos periódicos Farol do Sul Capixaba (Piúma/ES), Notícias do Japão (1992-93/SP), International Press (1993-94/SP - Tóquio), O Riso do Corujão (1996-97/Campos do Jordão); das revistas Amazônia (1992/Giparaná - RO), Letra Verde (1997-98/Campos do Jordão) e Vertente (1997/São José dos Campos - SP) e cronista de diversos jornais e publicações, por seis anos.

Quando chegou à marca dos mil livros, com a obra E Agora, Presidente? (prefaciado pelo jornalista Alexandre Garcia), Ryoki decidiu-se por uma mudança em sua carreira literária, abandonando os livros de bolso e passando a escrever romances maiores, publicados com seu próprio nome. Seus temas são simplesmente tudo, a vida, o cotidiano, os debates sociais, histórias de gente comum e de gente não tão comum.



RELEASE 1

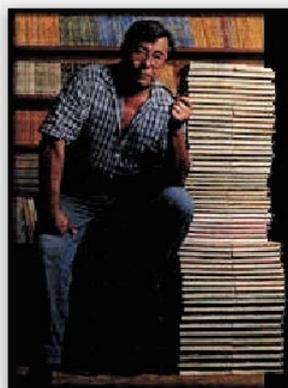
A produção literária do incansável Ryoki Inoue levou-o não apenas ao Guinness Book como o autor mais prolífico do mundo, mas também a ser comparado a Georges Simenon por alguns críticos internacionais. Outros comparam seu estilo e sua velocidade de produção com Sidney Sheldon. Outros dizem que ele pode ser posto ao lado de Harold Robbins, principalmente pela forma como tece as tramas de seus thrillers.

RELEASE 2

Enquanto se discutia se Romário iria mesmo chegar ao gol de número mil, ele já tinha passado pelo milésimo fazia tempo. E mais: com reconhecimento atestado e até menção no Guinness Book, o livro dos recordes. Na verdade, Ryoki Inoue não marcou mil gols. Ele escreveu mais de mil livros. Isso mesmo! A impressionante marca está na casa dos 1075 livros. Nada mal para quem começou há pouco mais de 20 anos.

Sobre o milésimo livro do autor, o experiente jornalista Alexandre Garcia faz uma comparação ainda maior: “Ryoki é o Pelé da literatura.”

Ryoki Inoue



Em 1992, fez o lançamento de seu livro *A Bruxa* na Bienal Internacional do Livro (SP). Um outro marco na vida do autor foi a publicação, em 1993, no Japão, de seus livros *Conexão Perigo: São Paulo-Tóquio*, *O Preço do Tráfico*, *Operação Amazônia* e *Sempre há Esperança*, voltados para o público nipobrasileiro residente naquele país. Já no ano seguinte, implantou o Pólo Editorial de Pocket Books para a América Latina, em Piúma (ES).

Seu nome já foi objeto de matérias em importantes publicações e programas de TV, como a *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Folha da Tarde*, *Jornal da Tarde*, *Valeparaibano*, *Gazeta de Vitória*, *A Tribuna*, revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Manchete*, no Brasil; revista *Lire e Culture*, na França; *Der Spiegel*, na Alemanha; *Wall Street Journal* (matéria de capa), nos USA; e várias outras publicações ao redor do mundo; programas *Jô Soares - Onze e Meia* (SBT)

Globo Repórter e Fantástico (Rede Globo), e foi entrevistado pela *Radio Culture* de Paris e pela *Nippon Television Network*, de Tóquio, entre outros.

Ao ver Ryoki no *Guinness Book*, Matt Moffett, jornalista americano do *Wall Street Journal*, teve sua curiosidade despertada para o processo de criação do escritor, querendo ver pessoalmente para crer, como alguém poderia produzir histórias de sucesso em tão pouco tempo. Assim, lançou um desafio ao escritor e aportou em São José dos Campos (onde Ryoki morava na época), no final de janeiro de 1996. Uma semana depois, Moffett contou como nasceu o livro de Ryoki Inoue - *Seqüestro Fast Food*, elaborado em uma noite, mais precisamente das 23h30 às 4h - num dos jornais mais famosos do mundo.

Com 1.060 livros, de seu próprio punho, publicados, sua produção compulsiva não parava nunca. Chegou a escrever três romances por dia, trabalhando madrugadas a dentro. Hoje a marca é de 1076.

Para ele, o segredo do processo criativo está em noventa e oito por cento de suor, um por cento de talento e um por cento de sorte. Além disso, disciplina e aplicação é o que faz com que ele consiga ficar sentado diante de seu computador e daí não saia antes do the end de sua nova obra.

Ryoki continua a escrever: está produzindo vários romances, faz trabalhos como ghost writer para pessoas famosas e para empresas, escreve roteiros e, com o objetivo de aperfeiçoar seus conhecimentos no campo da espionagem — obviamente para melhor criar seus romances — dedica-se à pesquisa pesquisa e ao estudo da *Inteligência Competitiva*, fazendo inúmeras traduções de livros, artigos e teses para empresas desse ramo. Atualmente, o objetivo de Ryoki é produzir um romance por ano, no máximo dois.

Site Oficial - www.ryoki.com.br

Críticas sobre o autor:

“As histórias de seus livros são de tirar o fôlego. Como os eventos ocorrem em minutos e dias, Ryoki faz os batimentos cardíacos dos leitores aumentarem. É difícil interromper a leitura por causa da narração que acontece como num filme, como no bom cinema americano com todos os ingredientes repletos de sexo, corrupção, violência, política, espionagem e um final surpreendente.

Ryoki é o Pelé da literatura.” - Alexandre Garcia, Rede Globo TV

“A maioria das pessoas não conseguem ler na mesma velocidade que ele escreve.”
Jô Soares, *Jô Onze e Meia*

“Ele produz capítulos inteiros durante suas idas ao banheiro.” - Matt Moffet, *Wall Street Journal*

“O mais produtivo escritor do Brasil e do mundo tem seus trabalhos escritos com um português perfeito.” - ANSA Agency

“Não é difícil encontrá-lo escrevendo em seu PC de 6 as 2 da manhã.” - Fantástico, TV Globo

“Ryoki alimenta sozinho mais de 400 mil leitores por mês.” - Eduardo Bueno, *Estadão*

O milésimo livro marca a virada na carreira de José Carlos Ryoki de Alpoim Inoue. E agora, *Presidente?* Um romance político-policia que aproxima esse escritor de ficção da realidade brasileira.” - Paulo Pestana, *Correio Brasiliense*

“Junto com a imaginação e o dom de escrever, o que o torna especial é sua disciplina e determinação.” - Goulart de Andrade, sbt

“A maioria das edições dos livros escritos por Ryoki alcançam mais de 10 mil exemplares. Todos eles são vendidos imediatamente.” - Severino Francisco, Cor-

Ryoki Inoue



Sobre José Alpoim poderá dizer-se que «escreve pelos cotovelos», mediante tal produção literária ao longo da sua carreira. Este brasileiro, de origem nipónica e portuguesa, pode não ser conhecido no nosso país, mas granjeia um impacto mundial significativo, ostentando mesmo o epíteto de escritor mais prolífico do mundo. No extenso currículo surgem 1076 livros, o que é impressionante para alguém que se sente ainda com muita capacidade para continuar a criar (tem 61 anos de idade).

José Carlos Ryoki de Alpoim Inoue nasceu em São Paulo a 22 de Julho de 1946, filho de mãe portuguesa e pai japonês. «A minha mãe era de Viseu, mas não fiquei com nenhuma ligação», conta em entrevista telefónica ao PortugalDiário, aproveitando para explicar logo de seguida que se considera admirador da literatura portuguesa, que lê com frequência: «Para mim, Eça é Deus».

Ryoki não tem mercado em Portugal, mas ainda considera ser possível penetrar num país onde a literatura policial tem crescente vontade de consumo. «Oficialmente não tenho qualquer livro publicado em Portugal. Existem dois títulos disponíveis, mas apenas nas versões importadas do Brasil», frisou, admitindo que, «por respeito», os livros «deveriam ser publicados em português de Portugal».

Um método imparável

Com formação em medicina, tendo a especialidade em cirurgia torácica, José Alpoim trocava a medicina pela literatura em 1986. Num período de seis anos produziu mais de 90 por cento da sua obra: 999 livros. Em 1993 entraria directamente para o Livro de Recordes do Guinness, com a marca impressionante de mais de mil livros publicados no Brasil. «Tudo isso foi possível com muito trabalho e um método preciso, que me obrigava a ser muito disciplinado. No início escrevia livros de bolso, sobretudo policiais, com uma média de 128 páginas por livro. Agora, tenho um ritmo diferente, pois publico».

Os temas são «muito diferenciados, desde policiais, histórias de samurais e até sobre o velho oeste, mas também os problemas actuais do mundo». No seu auge, detinha 95% do mercado de livros de bolso no Brasil, o que o levava a assinar muitas vezes com pseudónimos. Ainda assim, muitas editoras tiveram de fechar e o próprio Alpoim deixou esse tipo de livros. «Agora estou a pensar regressar e o objectivo é produzir oito livros por mês», revela, explicando que tem sempre «quatro ou cinco sinopses de livros na cabeça».

Esta mente prodigiosa sabe que os dias correm céleres e dificilmente conseguirá alcançar uma meta ainda mais ambiciosa: «É claro que pode aparecer outro louco a escrever tantos livros, mas acho que um louco assim não se encontra aí pelas esquinas. Se posso chegar aos dois mil livros? Acho que».

Variedade de oferta

O livro mil marcou a viragem na carreira de Ryoki. Com «E E Agora, Presidente?», decidiu começar a escrever romances, publicados sempre com o seu nome. Escreve sobre a vida, o dia-a-dia, situações sociais, histórias simples que sobressaltam as pessoas. Está mais tranquilo, vive no sul de Minas Gerais, em Gonçalves, onde existe um Brasil frio onde até pode nevar.

Entre as suas últimas obras estão «Saga», que conta a história de quatro gerações de uma família japonesa no Brasil (Editora Globo, 365 páginas) e «Vencendo o desafio de escrever um romance», destinado aos apaixonados por livros e os aspirantes a escritores (Summus Editorial, 176 páginas). Em breve será publicado «O Fruto do Ventre», com o mote «Um erro religioso, um erro histórico, um erro científico e o mundo continua sua trajectória» (Editora Record), em «mais de 500 páginas com muito suspense e acção».



<http://www.portugaldiarioriol.com>

2008/02/16, por Filipe Caetano

PORTUGUÊS PUBLICOU MAIS DE MIL LIVROS

JOSÉ ALPOIM
EXPLICA COMO CHEGOU A
ESCREVER TRÊS LIVROS POR DIA



Ryoki Inoue

HOME | SOBRE O PROJETO | CONTE SUA HISTÓRIA | GALERIA DE FOTOS | BLOGS | REPORTAGENS | AJUDA | CADASTRO

Abril no Centenário da Imigração Japonesa
99 anos 214 dias

Conheça mais histórias

Hélio Shimada
Hélio mostra a foto do pai, Heisuke, que comprou um terreno no bairro em Avareá (Mato Grosso do Sul) em 1923. A conta de despesa que a família Shimada entrou no Brasil.

Busca perfil
Nome completo: Hélio Shimada
Cidade: Avareá, Mato Grosso do Sul

100 anos de histórias
Os japoneses chegaram aqui há um século. Desde junho de 1908, muita coisa aconteceu. Ajude a resgatar essa memória.

Blogs
Para celebrar o fim do ano, vamos comemorar o fim da imigração japonesa. Não comemoremos que vem com CD com músicas para a infância japonesa. [Leia mais](#)

Agenda
10 de Maio - Dia da Mãe
15 de Maio - Dia da Criança
20 de Maio - Dia do Trabalho
25 de Maio - Dia da Juventude
30 de Maio - Dia da Mulher

<http://japao100.abril.com.br/>

Abril no Centenário da Imigração Japonesa,

O ESCRITOR QUE MAIS PUBLICOU LIVROS NO MUNDO

08/02/2008 - por Nádia Sayuri Kaku

- Qual é a história de imigração para o Brasil da sua família?

Meu avô, Harema Inoue, era militar, estava freqüentando a Academia da Marinha e chegou a ser contemporâneo do famoso Almirante Yamamoto. Os pais dele eram proprietários rurais. A família de minha avó, Kanetiyo Kira (nome de solteira) era de samurais. A transição para a era de Meiji fez com que a agricultura sofresse muito e, com isso, meu avô teve de abandonar a Academia para ajudar na terra. Mas nem isso ajudou, pois continuaram enfrentando problemas de falta de mão-de-obra e mesmo falta de quem comprasse o arroz que produziam. Foi nessa época que minha avó ajudou muito produzindo papel de arroz (minha esposa, que é escritora e artista plástica, ainda tem um pouco desse papel e o utiliza em suas obras). Mas isso não chegava a sustentar todas as despesas da propriedade que precisou ser vendida muito barato. Então surgiu a oportunidade da emigração para o Brasil. Meus avós não vieram na primeira leva, mas na segunda, em 1912. Conseguiram vir com um pouco de dinheiro, o que facilitou bastante o início de vida para eles. Inicialmente foram para o noroeste do Paraná (onde meu pai, Ryoma Inoue, nasceu e, depois compraram uma fazenda em Cerqueira César. Essa fazenda, apesar de grande, não tinha boa aguada e eles mudaram para Cotia, com o objetivo de plantar batatas. Meu pai se formou médico, meu tio advogado (Gervásio Tadashi Inoue, que foi o presidente que mais tempo ficou à testa da Cooperativa Agrícola de Cotia), e as duas irmãs casaram-se com agricultores, a mais velha, Haruko, indo para Bragança Paulista e a mais nova, Nobuko, foi para Caucaia.

- Como foi a viagem de seus pais/avós ao Brasil? Como foi a adaptação deles ao Brasil?

Não tenho muitas informações quanto a isso, mas sei que foi difícil. O tratamento a bordo não era bom e a comida era completamente diferente daquela a que eles estavam acostumados. Muitos ficaram doentes. E, quando chegaram a Santos, foram obrigados a vestir roupas ocidentais, só que do fim do século anterior (Século XIX) e as mulheres tiveram de usar sapatos de salto alto, coisa que nunca tinham visto antes. Esse desagradável acontecimento foi por conta de alguma maracutaia do pessoal da Imigração que recebeu dinheiro para a compra de roupas e compraram só coisas velhas e usadas. Coisa típica do Brasil, mesmo àquela época...

Observação: Essa história da chegada e da adaptação deles aos costumes brasileiros eu conto com bastantes detalhes no livro (romance histórico) que escrevi para a Editora Globo, "Saga – A história de quatro gerações de uma família japonesa no Brasil", lançado em outubro de 2006, justamente visando o centenário da Imigração Japonesa, pois descreve os acontecimentos desde 1908 até os dias atuais).

- Em quais cidades seus pais estabeleceram? Trabalharam com qual atividade?

Eles andaram por várias cidades, mas principalmente Ribeirão Claro (Paraná), Cerqueira César (São Paulo) e Cotia (São Paulo). Meu pai foi clinicar em Campos do Jordão, depois Taubaté e por fim em Brasília (DF). Aposentado, mudou-se para Piúma (ES). Ao lado da medicina, ele sempre lidou com a agricultura, seguindo os passos de meu avô, com a diferença que a sua paixão era a pecuária de corte. Meu tio sempre ficou em São Paulo, pois desde sempre esteve ligado à diretoria da Cooperativa de Cotia.

- Como foi sua infância e juventude?

Posso dizer que foram muito boas e que guardo muitas saudades daquela época. Eu sempre estudei em São Paulo, mas todos os finais de semana e férias ia para a fazenda, em Taubaté ou em São Luiz do Paraitinga. Daí a minha paixão pelo campo e, por isso, estou morando em Gonçalves, ☐

The screenshot shows the top of the Abril website with a navigation bar and a main article titled "Roupas do século passado" by Nádía Sayuri Kaku. The article text is partially visible, discussing fashion and the author's background. On the right side, there are several sidebar widgets: "Histórias" with a list of related articles, "Vídeos" with a video player, "Galeria de fotos" with a photo gallery, and "Áudio" with an audio player. At the bottom, there are "Comentários" and "Conteja mais histórias" sections.

- Quais costumes japoneses a sua família mantinha? O senhor tinha alguma atividade cultural ou esportiva japonesa?

Minha mãe era portuguesa (advogada e professora de filosofia, grego e latim). Por isso, os costume nipônicos não eram tão inculcados em nossa mente (minha irmã e eu). Comecei realmente a me interessar pela cultura japonesa e pelos costumes de meus antepassados quando estava já no ginásio. Mas na fazenda de meus avós, sempre havia festas japonesas com muita gente, muita comida. Hoje em dia, a Nicole, minha esposa e que é francesa, é adepta ir-recuperável de comida japonesa e aprendeu a fazer sushi, sashimi e outros pratos típicos. Uma parte importante da minha formação nipônica eu adquiri no judô e no caratê, que pratiquei desde os sete anos de idade até cinco anos depois de sair da FMUSP.

- Por que escolheu medicina? E como foi a decisão de abandoná-la para se dedicar aos livros?

Escolhi a medicina porque meu pai era médico e eu sempre gostei (possivelmente influenciado) de biologia, e essas coisas que lidam com a vida. Eu imaginava que seria um médico como meu pai, mas descobri que os tempos mudaram e, com ele, o conceito de médico. O médico deixou de ser respeitado, principalmente no que concerne à parte material. Cansei de brincar de garça em junho de 1986, quando o INAMPS me pagou o equivalente a US\$300 por 132 cirurgias realizadas em janeiro e fevereiro desse ano. E cortou, sem nenhuma vergonha, cirurgias como bala no tórax, facada no tórax, esmagamento de tórax, dizendo que não eram cirurgias de urgência... Daí, simplesmente desisti e passei a fazer a outra coisa que sabia fazer, ou seja, escrever.

- Fale sobre sua vida profissional: como descobriu seu talento para escrever? Como era no começo e como é hoje?

Como disse acima, comecei a escrever porque desisti de exercer a medicina e precisava sustentar a família. Como o que eu recebia por um original de pocket-book era muito pouco, precisava escrever muito para poder manter o padrão financeiro. Daí, quando percebi, tinha passado o recorde do Guinness. Eu nem sequer desconfiava que existia esse tipo de coisa, quem me alertou para o fato foi o Eduardo Rômulo Bueno, que naquela época (1991) trabalhava no Estadão. Escrevi muito... Quando fechei um contrato com a Abril, em 1992, tinha prazo para entregar os originais e precisei escrever três livros por dia durante quase um mês... Isso gerou uma reportagem de capa no Wall Street Journal, em que o jornalista, Matt Moffett, sentou-se ao meu lado para comprovar que eu era capaz de escrever um romance policial em seis horas. Esse romance foi publicado pela Editora Olho d'Água e teve uma boa repercussão. (Essa reportagem está no meu site).

- Fale sobre o Guinness Book

Não há muito o que falar... Eu jamais trabalhei visando figurar no Guinness, escrevia porque precisava. É claro que, depois de ser reconhecido pelo Guinness, muitas portas se abriram. Mas se você me perguntar se isso melhorou o meu ganho, terá uma negativa como resposta.

- O senhor já conheceu o Japão, né? Como foi a experiência?

Por incrível que possa parecer, nunca tive oportunidade de conhecer o Japão. Claro que gostaria muito de ir... Escrevi para os dekasseguis brasileiros a pedido de uma empreiteira de mão-de-obra, e criei uma espécie de James Bond mestiço, Mário Kiyoshi Nogaki, e os quatro títulos foram levados para lá e venderam cem mil exemplares. Pena que essa empreiteira tenha acabado e a série, por isso, foi descontinuada. Mas estou escrevendo novos títulos com esse personagem para um sistema de downloads na internet (www.cultvox.com.br) e isso deverá estar disponível a partir de março.

- Descreva um pouco sua vida profissional, o que já fez, como foi...

Acho que já respondi essa pergunta, no meio das outras. Se quiser mais detalhes...

- Fale um pouco sobre sua família atual: vocês conhecem/gostam da cultura japonesa? Quais são seus hobbies? Atividades? Planos?

Atualmente minha família é constituída por minha esposa, Nicole, escritora e artista plástica; meu filho Georges (você já fez contato com ele), que é webdesigner (criador do meu site e de muitos outros) e atua como meu agente e homem de marketing; minha nora, Patrícia e a netinha, Caroline, com apenas dois anos e que é a luz da casa. Todos admiramos e seguimos muita coisa da cultura japonesa. Tanto assim que estou escrevendo uma série de livros de bolso sobre samurais e isso me obriga a estudar um pouco mais, a cada livro, sobre os hábitos ancestrais. Meu hobby é cachimbos e a preparação personalizada do tabaco que consumo. Continuo escrevendo e como planos... continuar escrevendo. Pretendo continuar lançando dois romances grandes por ano e, de permeio, produzir vári

- Como você vê a mistura das culturas japonesas e brasileira na sua vida?

Acho que eu não seria quem eu sou e muito menos teria chegado ao que sou, se não fosse a cultura japonesa. Ensinaamentos básicos orientaram efetivamente o meu comportamento diante de situações, aprendi a ter paciência, perseverança e força de caráter. Tenho passado isso para meu filho, com sucesso e espero que sobre alguma coisa para a neta. E essa opinião é partilhada por todos aqui em casa.

- Quais seus planos para o ano do Centenário?E para o futuro?

Gostaria de participar mais... Acho que teria alguma coisa a dar, por exemplo, sou o único nikkey (san-sei) que figura no Guinness, na área cultural. E, principalmente, acho que sou um bom exemplo de que a miscigenação funciona...

Ryoki Inoue



Revista Playboy, Maio de 1996

O FUROR DAS LETRAS por Humberto Werneck

Ele escreve um romance em menos de 6 horas e publicou 1040 livros em dez anos. Conheça Ryoki Inoue, o paulista que o Guinness Book of Records consagrou como o maior tocador de obras literárias do mundo.

Ryoki Inoue é um escritor que escreve pelos cotovelos. O jornalista nova-iorquino Matt Moffett, do Wall Street Journal, sabia disso quando despencou em São José dos Campos, a 100 quilômetros de São Paulo, no início do ano, para entrevistar o homem que, segundo The Guinness Book of Records, mais livros publicou em todo o mundo. Já eram, então, inacreditáveis 1

030 títulos, assinados por Inoue ou por seus 39 alter egos literários — e, o que é mais espantoso, produzidos, todos eles, do primeiro ao último, no curto espaço de uma década. No dia em que Ryoki falou a Playboy, a marca havia subido para 1 040 livros — duas vezes, para que se tenha uma idéia, o número de edições de uma revista semanal, como VEJA, nos mesmos dez anos.

Embora impressionado com os números, Matt Moffett não se deu por convencido e dias mais tarde voltou ao escritor com um desafio: provasse que realmente era capaz de pôr um romance no papel em apenas 6 horas, como havia afirmado. Pois não, assentiu o imperturbável, jovial Ryoki, paulistano neto de japoneses e filho de portuguesa, 49 anos de idade. Aboletou-se em frente ao computador às 11 da noite, puxou uma cadeira para o gringo — e, 5 horas e meia depois, não seis, pingou um ponto final na página 210 de um novo romance, uma história de seqüestro, com o título provisório A Chave, em que o personagem principal se chamava...Matt Moffett. “Não ponha o meu nome, por favor”, foi tudo o que o jornalista conseguiu balbuciar, e o protagonista virou Roy Hamilton.

Nada de excepcional para a metralhadora literária de Ryoki Inoue, que em outros tempos chegou a disparar três livros num só dia, em gêneros diversos como o policial, a história de guerra, a espionagem, a ficção científica e, principalmente, o faroeste — muitos deles apimentados com candentes passagens eróticas (quadro no final). O escritor acha que seria capaz de muito mais se tivesse uma datilografia de dez dedos. Usa apenas os dois médios e os dois indicadores, com discreta ajuda dos polegares, e diz que sua cabeça está sempre um parágrafo à frente das mãos.

Morre o Dr. Inoue, nasce James Monroe

Na verdade o bom aluno de Português do Colégio Santo Américo, de São Paulo, não se preparou para a literatura. Confundido por um teste vocacional que apontou para todos os lados, acabou, meio por inércia, seguindo a profissão do pai e por dezesseis anos pulou de hospital em hospital como cirurgião de tórax. Até que, exatamente dez anos atrás, recém-chegado aos 40, casado, pai de quatro filhos, ele atolou numa crise que o fez jogar para o alto os bisturis: ganhava pouco para a trabalhadeira que tinha, andava estressado, teve colegas assassinados por bandidos em mal-aparelhados hospitais da periferia.

RAPIDINHAS DE RYOKI INOUE

A Metralhadora literária aponta também para a cama

Do livro **Deuses de Papel**:

“ Martha fechou os olhos, sentindo com delícia as mãos de Fortuna a lhe percorrerem o corpo. Não restava a menor dúvida de que aquele homem sabia muito bem como acariciar uma mulher... (...) Ela podia sentir isso só pela maneira como ele tocava suas pernas, suas coxas, seus seios... Podia sentir até mesmo pelo cheiro que ele desprendia quando excitado! Um animal! Um animal de boa raça e ela certamente saberia muito bem como fazer para melhor aproveitá-lo! Virou-se de bruços sobre a cama, os olhos fechados, gemendo de prazer enquanto Fortuna a beijava na nuca e ia, bem lentamente, acariciando com a língua suas costas, fazendo com ela movimentos circulares que ao se aproximarem do cóccix já a estavam deixando louca. Contorcendo-se de desejos, ela se virou, segurou a cabeça de Fortuna entre suas pernas, praticamente obrigando-o a beijá-la e a acariciá-la em seu ponto mais sensível. (...) Ele parou de beijá-la quando Martha já se encontrava muito perto do orgasmo e, fazendo-a ficar por cima, penetrou-a.

“Você sempre gostou de escrever, eu gosto de pintar, a gente segura a barra”, incentivou nesse momento sua mulher, à francesa Nicole Kirsteller. Por que não? — e no mesmo dia o Dr. José Carlos Ryoki de Alpoim Inoue comprou a máquina de escrever portátil Olivetti na qual, durante o mês de maio de 1986, numa desajeitada catação de milho, passou a limpo o banguê-banguê Os Colts de McLee, escrito à mão em trinta dias e imediatamente aceito pela Editora Monterey, do Rio de Janeiro. Foi o primeiro dos 1 000 pocket books que Ryoki perpetrou para essa e várias outras editoras, todos eles embalados em pseudônimos americanos como o James Monroe de Os Colts de McLee. A desculpa que lhe deram foi a do santo doméstico não milagreiro. O principiante foi instruído também para variar constantemente de pseudônimo — os editores não gostavam da idéia de criar autores que, tornando-se conhecidos dos leitores, passassem a exigir preços menos alvitantes para seus originais.

No caso de Ryoki, no início eram 20 dólares por um livro inteirinho, da primeira à última página, nem um tostão a mais, embora seja praxe os autores receberem um percentual sobre as vendas, em geral 10% do preço de capa. Não foi pouco o que deixou de ganhar, pois cada edição de seus pockets era de 15 000 exemplares — num país onde as tiragens costumam ficar nos 3 000. Aqueles 20 dólares, num apertado pacote familiar, remuneravam também as capas que sua mulher desenhava — chegou a fazer umas 300. “Não dava para cobrir os gastos com papel, fita de máquina e correio”, lembra Ryoki com indignação retrospectiva. Um dia reclamou e os editores passaram a pagar essas despesas. Se a família — a essa altura instalada na casa de praia que tem em Piúma, litoral do Espírito Santo, onde viveu até o ano passado — não morreu de fome antes que ele firmasse o pé, meses mais tarde, foi porque Nicole (profissionalmente Nicole Bartel) conseguiu vender uma quantidade de quadros para um hotel de Campina Grande, na Paraíba.

Cedo Ryoki se deu conta de que, para conseguir melhorar preços, precisaria “dominar o mercado brasileiro” de pockets books, no qual desembarcavam cinquenta novos títulos mensalmente. Decidiu que, desses, ia produzir 45 — o que significaria fazer um e meio por dia, em média. Descobriu também que o editor brasileiro não estava preparado para assimilar um autor assim prolífico — o que o levou a diversificar, buscando três, quatro compradores para os seus originais, que desse modo passaram a valer 250 dólares cada.

Em torno do 450º livro, ele data, aí por 1989, registrou-se enfim uma discreta decolagem financeira. Mas Ryoki teve que esperar até 1992 para ver, como qualquer autor, seu nome na capa de um livro: o de número 1 000, momento emocionante em que, de quebra, deixou de simplesmente vender originais para ganhar direito aos 10% sobre o preço de capa, e trocou as bancas de jornais pelas livrarias. Manteve, porém, o esquema de trabalhar com diversas editoras, pois uma apenas não daria conta de desovar toda a sua produção. Prefaciado pelo repórter da Rede Globo Alexandre Garcia, o romance que marcou a guinada, E Agora, Presidente

Aids.

Aquele foi, para Ryoki, um acontecimento especialíssimo, com sabor de estréia embora já houvesse publicado 999 títulos — e é pena que não tenha como saber qual foi o 999º: algum entre as dezenas que havia entregue a duas editoras e que foram lançados em desordem. Foi também por essa altura que Ryoki Inoue entrou no Guinness, primeiro na edição nacional, depois na internacional — o que lhe custou não pouco trabalho, pois teve que provar, papéis na mão, que havia escrito todos aquele

Começou a ser requisitado para entrevistas, apareceu no Fantástico, no Globo Repórter, foi duas vezes ao programa de Jô Soares. Os livros de sua nova fase, como E Agora, Presidente? e A Bruxa, já venderam, ele conta, em torno de nada desprezíveis 17 000 exemplares cada um. Sai bem, igualmente, O Caminho das Pedras, que publicou no ano passado para socializar seus truques de escritor. “Está vendendo direitinho”, confirma Pedro Herz, dono da Livraria Cultura, de São Paulo.

Morando hoje numa casa alugada de quatro quartos no bairro de Alto da Ponte, na periferia de São José dos Campos, onde além da família tem a companhia do pastor alemão Black Ghost e da dachshund Cookie, Ryoki Inoue pode não estar rico — sua respeitável barriga ainda não é a da prosperidade —, mas visivelmente já não vive o sufoco de dez anos atrás, quando pôs para funcionar seu taxímetro literário. Trocou há pouco uma perclitante Ford Belina por uma caminhonete Chevrolet D-20 e entre “umas poucas frescuras” permite-se o prazer de queimar, em seus cinquenta cachimbos, uma mistura personalizada de fumos que a Dunhill, da Inglaterra, lhe prepara de seis em seis meses com base num detalhado questionário.

Cavalheirismo à parte, a escalada de Ryoki deve muito à colaboração da mulher, com quem desde o início vem operando num esquema provavelmente inédito em maluquice e exemplar em eficácia. Só não se pode dizer que trabalhavam lado a lado, em sua casa de Piúma, porque havia um tabique separando a mesa de Ryoki e a prancheta de Nicole. “Onde é que você está?”, indagava ela de cá. “Estou chegando com a diligência numa cidadezinha”, rebatia ele de lá. “Com índio ou sem índio?”, tornava ela — e nessa “malhação cerebral”, como diz Nicole, texto e capa chegavam juntos ao The End. Ou nem sempre, pois aconteceu mais de uma vez de o desenho ficar pronto primeiro — como aconteceu também de histórias nascerem a partir de capas concebidas por Nicole para livro algum.

Do livro Pressão Zero

“Acaricie suas costas nuas, suas nádegas, seus seios.

Anne se encolheu, ronronando como uma gata no cio e se abraçou a mim, nossos corpos se procurando mais uma vez, a chama da paixão outra vez acesa...

— Não quero que isto acabe... — sussurrou ela. — Não quero que você me deixe...

— Não vou deixá-la — murmurei. — Não, não tenho a menor idéia do que é que está acontecendo comigo, mas sei que não vou deixá-la, jamais!

— Repita isso! — falou Anne, a voz rouca, a respiração arquejante, ela toda já mostrando que atingia o clímax.

Não pude obedecer...

Justamente naquele instante, no momento em que eu iria dizer a ela que não a abandonaria, que tinha encontrado a minha metade, comecei a sentir as contrações que tentavam, em vão, segurar o prazer, prolongar o gozo...”

Também ela é escritora, interessada em temas como ecologia e esoterismo, e cabe a Ryoki ajeitar o português afrancesado de sua prosa. Já fez dez livros, dois deles editados, Os Pensamentos dos Anjos e A Magia Branca a Serviço do Prazer Sexual — para não falar em sua contribuição genética para as Letras: um dos filhos do casal, o historiador André, 23 anos, teve um breve mas intenso sarampo literário aos 16, idade em que publicou dez livros de faroeste. Georges, o caçula, de 16, está terminando o seu primeiro, sobre as atribulações de um adolescente na cidade grande. A filha Anouk, 20 anos, não escreve mas transita em área próxima, como agente e assessora de imprensa do pai. Só o filho mais velho, Cedric, de 26, passa ao largo da literatura — trabalha com turismo.

O entrosamento do casal Inoue tem sido frutífero também no terreno da pesquisa que precede a elaboração de cada história de Ryoki. Nicole é fera na leitura dinâmica e dá conta, fácil, de sessenta livros por mês. A lua-de-mel lítero-existencial em que vivem a dez anos só se cobre de nuvens quando o marido, que dorme apenas 3, 4 horas por noite (“vício de médico de UTI”, suspira a esposa), vem acordá-la com todas as luzes do quarto, um copo de uísque e uma idéia ótima para mais um livro. Idéia que, tão logo tome corpo, ele cuidará de registrar em cartório, para prevenir pirataria. “Fico louca, digo que ele é um bourreau” — carrasco, em francês. Chega a ser prodigioso que se entendam, sendo, como são, um pouco como o funcionário e a dançarina do samba de Chico Buarque: Nicole prefere pintar com a luz do dia, Ryoki escreve à luz de lâmpada. Em geral usa as manhãs para fazer pesquisas e as tardes para revisar o que produz de madrugada. Em qualquer desses turnos, entre uma cachimbada e outra, consome sucessivas garrafas de café.

As raras brigas do casal acontecem na cozinha, onde reina a mais desenfreada competição culinária. As especialidades, para começar, são irreconciliavelmente opostas: Ryoki, a despeito da ascendência oriental, com sua avassaladora comida baiana, Nicole com sua sutilíssima geléia de rosas. Em sua disputa pelo galardão gastronômico, chegam a comprar tudo em dobro, dois frangos, dois coelhos, dois peixes, que preparam simultaneamente, um em cada ponta da bancada.

Outra causa de moderados desentendimentos domésticos costuma ser a recusa de Ryoki em fazer qualquer coisa que ponha em risco seus instrumentos de trabalho — os dedos e as mãos. Não há quem o faça bater um prego, por exemplo. Já cortou um dedo abrindo ostra e não esquece como claudicou no teclado durante dois penosos dias. Basta-lhe a tenossinovite, mal que acomete até digitadores que não escrevem romances em 6 horas, e que no seu caso se manifesta numa literal dor de cotovelo — mas só na fase de revisão de um livro, explica, quando usa mais o mouse que o teclado do computador. Também o pun□

A primeira máquina só agüentou um livro

Até quatro anos atrás ele penou em máquina de escrever, algumas das quais abriam o bico depois de cinco, seis livros. A primeira, idosa e frágil, não resistiu aos colts de McLee. Hoje Ryoki tem quatro computadores, incluindo um laptor que carrega para o banheiro quando baixa outra urgência além da literária. A informática veio revolucionar a sua produção, permitindo-lhe escrever fora de ordem e depois costurar os capítulos. Aderiu não faz muito à Internet e está maravilhado com a economia de tempo no trabalho de pesquisa, reduzido agora à décima parte, e com a fatura de material que vem nessa rede. Antes de começar seu 1 040º livro, o romance Magia Cigana, em fevereiro passado, ele não tinha mais que três ou quatro laudas sobre ciganos, arduamente garimpadas em alfarrábios, e em meio minuto de Internet outras quarenta e tantas desabaram em seu computador.

A pesquisa toma em geral cinco vezes mais tempo que a redação, e na hora crucial de transformar aquilo em ficção Ryoki nunca se deixa tomar pelo pânico do papel em branco, ou da tela vazia, capaz de paralisar os escritores mais experientes. Como à beira de uma piscina gelada, não fica adiando o mergulho — salta logo, escrevendo seja lá o que for até achar o filão e ganhar desenvoltura. “Você pode até derrapar, mas o importante é arrancar”, recomenda. Andar, andar, ele explica, nem que seja de lado, feito um siri.

E a velocidade em que anda é realmente impressionante. Uma semana depois de Pablo Escobar ter fugido da prisão na Colômbia, em julho de 1992, Ryoki Inoue apostou com seu editor que seria capaz de escrever um livro sobre o chefe do Cartel de Medellín antes que ele se entregasse ou fosse morto. A polícia levou ano e meio para liquidar o fugitivo — mas Ryoki garantiu sua caixa de uísque em duas semanas. O livro é que lhe deu certa ressaca — diz que não gostou do resultado, “a pressão acabou atrapalhando”. O seu preferido é O Nome Não Importa, de 1993, que apresenta como “as aventuras de um escritor muito cético que vive experiências kardecistas”. Nenhum que tomou mais tempo que A Bruxa — dois meses. Em compensação, O Caminho das Pedras, até por força do nome, exigiu apenas três dias.

Um quarteirão e meio de literatura

No ano passado, pela primeira vez, Ryoki topou com um editor que lhe pediu um pé no freio. “Escrever em quantidade não quer dizer nada, estamos atrás é de qualidade”, diz Maxim Behar, da Emus, de São Paulo. Convencido de que o escritor tem “uma facilidade invulgar para assimilar qualquer estilo ou assunto”, Behar lhe encomendou um romance, Do Mago ao Louco, “uma viagem pelo tarô”, que, lançado em agosto do ano passado, está vendendo bem e, segundo o editor, “é apenas o início de uma longa série”.

O próprio Ryoki Inoue não vê a rapidez no topo da lista de suas qualidades como escritor. Dá mais valor à capacidade de trabalho, grande o bastante para suprir deficiências como a datilografia capenga. Sente-se dono de um português “razoável”, é muito metódico e armazena informações numa memória extraordinariamente espaçosa. Ela só não lhe permite declamar os títulos das centenas de livros que escreveu, muitos deles escolhidos à sua revelia. Aliás, não tem em casa tudo o que produziu, apenas uns 600 que as editoras lhe mandaram. Há uma quantidade de volumes que ele nunca viu — para não falar nos 400 que foram vendidos para o mercado de língua espanhola e que acabaram por voltar ao Brasil, falando castelhano, com títulos e pseudônimos trocados. Ainda assim Ryoki Inoue pode informar que, disposta lado a lado, capa com capa, sua obra se estende por 160 metros — “quarteirão e meio”, converte esse apaixonado dos números. Com a mesma segurança, garante que nunca lhe aconteceu escrever uma história que já tivesse posto antes no papel.

Nunca tira térias e não sente falta: “o meu trabalho”, explica, “é uma viagem permanente”. Gaba-se de sua capacidade fazer o que chama de “transposições mentais”: “Se vejo num filme uma rua de São Francisco, na hora de escrever eu vou saber sem erro se ela é mão ou contramão”. Versátil, navega nos mais diversos gêneros, com exceção da poesia. A mulher garante que ele “é ótimo em faroeste — você vê os tiros” —, “forte em misticismo” e “muito preparado para a ficção científica”. A fonte principal de inspiração, revela o escritor, é o dia-a-dia — miudezas como um jantar no Rotary Club ou uma conversa ouvida em restaurante. Quem cruza o seu caminho corre o risco de virar personagem, que o diga aquele repórter do Wall Street Journal. “Houve um tempo que era muito gostoso”, conta Ryoki. “O editor não queria me dar aumento, eu brigava com ele e o enfiava numa história, com nome americanizado, o sujeito se reconhecia, era divertido.” Sua própria vida, nem se fala, daria um romance. “Já deu pelo menos três”, informa Ryoki, enumerando: Estetoscópio, que aproveita suas vivências de médico; Fraude Verde, a sair este ano, sobre suas aventuras e desventuras como gerente de uma empresa reflorestadora no Mato Grosso; e O Nome Não Importa, aquele do escritor cético que vive experiências Kardecistas.

Pegando uma carona no misticismo

Para não correr o risco de se confundir, procura dar o mesmo nome a certos personagens secundários de seus livros. Os barman são sempre Larry, por exemplo, e os médicos, Ferguson. Xerifes de estrelas menos brilhantes chamam-se Masters, as donas de bordel, Dolores, e os padres, Ignácio — homenagem a um sacerdote espanhol amigo seu. No começo da década, quando escreveu quatro ou cinco romances pa

Não lhe peçam que escreva sobre política, tema que nunca o entusiasmou. Considera-se “mais centrista que qualquer outra coisa” e há muito tempo não vota — diz que as eleições têm coincidido com suas raras viagens. “Mas teria votado no Collor”, admite, “e me arrependido.” Teria votado também no presidente Fernando Henrique Cardoso, só não sabe ainda se com arrependimento ou não. Não pretende escrever, também, sobre escândalos políticos, pois acredita que nesse terreno a realidade suplanta, de longe, a mais desvairada imaginação. Religião, tudo bem. De formação católica, acredita no espiritualismo sem chegar a ser esp

Natural portanto que aprecie Paulo Coelho, na sua opinião “insuperável”. O que não o impede de catalogar o autor de O Alquimista entre as suas “leituras de obrigação”, aquelas que faz para se informar sobre as tendências no mercado internacional de best-sellers. Embora de outro extrato literário, o brasileiro João Ubaldo Ribeiro também entra nessa categoria. Um segundo grupo é o das “leituras de reciclagem”, englobando os clássicos, que podem ser “chatos”, como Euclides da Cunha, Eça de Queiroz, Machado de Assis, Shakespeare e o James Joyce de Ulysses, ou “não chatos”, caso de Monteiro Lobato e de dois outros escritores que Ryoki Inoue considere igualmente “clássicos”, Mário Palmério e José Cândido de Carvalho. Os oito a dez livros que lê mensalmente incluem, por fim, uma categoria “lazer”, sobretudo contos e crônicas de Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Henrique Pongetti e, também aqui, João Ubaldo Ribeiro. Hoje não sabe dizer se gosta mais de João Ubaldo ou de Fernando Sabino. No ano passado a admiração pelo cronista mineiro era tão grande que, numa Bienal do Livro, no Rio, estendeu a mão para ele, emocionado, na entrada do estande

Atração Turística em Piúma

Depois de ter sido, na sua fase pocket, escritor para um público que ia “do pedreiro e do peão ao executivo envergonhado que esconde o livro na pasta”, Ryoki Inoue supõe ter hoje “o mesmo leitor de um João Ubaldo”. Na paisagem da literatura brasileira, sente-se na companhia, talvez, de Rubem Fonseca, “pela afinidade temática”. Os críticos não tomam conhecimento de seus livros? “eles só lêem o prefácio”, dá de ombros Ryoki. Editor de um dos cadernos literários mais importantes do país, Idéias, do Jornal do Brasil, o jornalista Cláudio Figueiredo reconhece que ainda não se ocupou de nada da copiosa prosa do escritor paulista — mas não por prevenção contra a literatura de entretenimento. “Já resenhamos autores dessa faixa, como Paulo Coelho e Sidney Sheldon”, argumenta Figueiredo, “quando entraram na lista dos mais vendidos.”

Não é, ainda, o caso de Ryoki Inoue, por enquanto mais conhecido como fenômeno do que propriamente por aquilo que escreve. Ele calcula em “vários milhões” o contingente de seus leitores, e não deve exagerar, mas suas noites de autógrafos ainda não chegam a arrebanhar multidões. Já saboreia, porém, suas fatias de notoriedade — nem sempre inteiramente prazerosas: decidiu mudar-se de Piúma, no ano passado, porque nos últimos tempos a curiosidade em conhecer o autor de mil e tantos livros despejava ônibus de turistas à sua porta. Experimentou uma alegria de principiante quando viu alguém com o seu Onde Está Pablo Escobar? Nas mãos. E sentiu-se duplamente nas nuvens no dia em que, a bordo de um avião, foi reconhecido e festejado. Tempo virá em que saberão ver nele mais que um sprinter da literatura — Inoue estava confiante, ao cabo de duas horas e meia da entrevista a PLAYBOY. Duas horas e meia? “Daria para escrever oitenta páginas de livro.”